

# Kessa e Moritô

Akutagawa Ryunosuke

*Tradução: Ricardo da Silva Machado<sup>1</sup>  
e Meiko Shimon*

## **PARTE PRIMEIRA**

É noite. No lado de fora do muro de argila, Moritô contempla a lua com seu brilho branco. Está perdido em seus pensamentos, caminhando sobre as folhas secas espalhadas no chão.

### **Monólogo de Moritô**

“Lá está a lua. Eu costumava esperar por ela, mas agora sua claridade me enche de horror. Não consigo parar de tremer, quando penso que tudo o que fui até hoje desaparecerá antes do término desta noite e me tornarei um assassino. Imaginem estas mãos tingidas de vermelho, de sangue! Quão amaldiçoado parecerei para mim mesmo, então! Se eu tivesse que matar um inimigo odiado, a minha consciência não me atormentaria desta maneira, no entanto, esta noite devo matar um homem por quem eu não tenho ódio algum.

Eu o conheço de vista há muito tempo. Embora seu nome, Wataru Saemon-no-Jo, que só soube devido a este acontecimento, não consigo lembrar quanto tempo faz desde a primeira vez que vi aquele rosto branco, delicado demais para um homem. É verdade que senti ciúmes quando descobri que ele era o marido de Kessa. Mas meu ciúme já desapareceu completamente sem deixar qualquer cicatriz em meu coração. Por isso, mesmo sendo um rival no amor não tenho qualquer ódio ou ressentimento dele. Pelo contrário, posso até afirmar que alimento um sentimento de compaixão por aquele homem. Quando Koromogawa me contou o quanto Wataru teve que empenhar toda sua capacidade para conquistar Kessa, cheguei a sentir carinho por Wataru. Contou-me que ele chegou a tomar lições de poesia, acreditando que isso o ajudasse a conquistá-la e desposá-la. Ao pensar nos poemas de amor feitos por aquele sério e circunspecto samurai, eu me surpreendo ao perceber o sorriso pintar nos meus lábios.

---

<sup>1</sup> Acadêmico em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

Mas não é um sorriso desdenhoso. Parece tocante tamanha paixão que chegou a tais medidas para agradá-la. Talvez essa sua dedicação para uma mulher a quem eu amo dê a mim, o amante, certa satisfação.

Mas amo realmente Kessa, a ponto de poder afirmar? Nosso caso de amor teve duas fases: passado e presente. Eu já estava apaixonado antes de ela ter casado com Wataru. Pelo menos eu acreditava que a amava. Mas, reavaliando agora meus sentimentos, mesmo naquela época, continham algo de impuro. O que eu queria de Kessa? Quando eu ainda era virgem, certamente queria possuí-la. Mas se me permite exagerar, meu amor não era mais do que um sentimentalismo para tornar doce esse meu desejo. Assim como é verdade dizer que eu não a esqueci durante os três anos após termos nos distanciando; teria eu continuado apaixonado se já tivesse tocado no seu corpo? Admito que não tenho coragem de dizer que sim. Meu apego por Kessa, nesses três anos, foi sustentado, principalmente, pelo fato de nunca ter conhecido o seu corpo. Então, passei remoendo minha insatisfação até que finalmente me encontro nesta situação que tanto temia, mas que esperava. Mas, e agora? Pergunto-me mais uma vez. Sinceramente, eu amo Kessa?

No entanto, antes de responder a esta pergunta devo recordar, mesmo a contragosto, tudo o que houve. – Desde quando eu a reencontrei três anos mais tarde, na inauguração da ponte de Watanabe, passei cerca de seis meses tentando fazer de tudo o que pude para ter uma oportunidade de encontrá-la secretamente. E tive êxito. Não foi só isso, foi então que, tal qual havia sonhado, eu conheci o corpo de Kessa. Mas o que me dominava até então não necessariamente era aquele pesar que falei antes por não ter tocado no corpo dela. Ao sentar nos tatames ao lado de Kessa, num aposento na casa de Koromogawa, já havia percebido que, sem saber quando, meu apego por ela havia se atenuado. Não há dúvida de que meu desejo tenha enfraquecido por ter deixado de ser virgem. Mas a principal razão era que sua beleza já estava em declínio. Realmente, a mulher que estava diante de mim não era aquela Kessa de três anos atrás. Sua pele perdera inteiramente o brilho; ao redor dos olhos estava sombreado de olheiras; a maciez de suas bochechas e de seus queixos outrora fartos havia desaparecido como um passe de mágica; a única coisa que não havia mudado seria talvez aqueles negros e expressivos olhos com sua vitalidade. – A mudança operada nela teve um efeito devastador sobre meu desejo. Após três anos, quando finalmente me vi face a face com ela, lembro-me claramente que fiquei tão chocado que tive que desviar o meu olhar...

Então por que eu mantive relações com uma mulher tão pouco atraente, quando já não sentia aquele desejo intenso? Em primeiro lugar, senti uma inusitada necessidade de conquistá-la. Lá estava Kessa, sentada face a face comigo e falava deliberadamente exagerando o quanto amava seu marido, Waratu. Porém, para mim, só despertava vaga suspeita de que eram palavras vazias. “Ela tem orgulho de seu marido”, pensei. “Ou seja, talvez esta é sua maneira de mostrar que não pode ser comprada pela piedade”, pensei também. A cada momento, a minha ansiedade para desmascarar as suas mentiras se tornava mais forte. Contudo, se alguém me perguntasse por que achava que ela mentia e se me acusasse de que o próprio fato de eu achar que ela mentia era um sinal da minha vaidade eu não teria motivos suficientes para me defender. Todavia, acreditava firmemente que estava mentindo. E ainda acredito nisso.

Mas não foi unicamente o desejo de conquistá-la que me dominava. Além disso – só em pronunciar estas palavras eu fico ruborizado – além disso, fui guiado pelo puro desejo carnal. “E não pelo pesar de nunca ter tocado no corpo dela.” Foi algo muito mais vil, simples desejo por desejo que poderia ter sido satisfeito por qualquer mulher. Certamente, um homem que compra uma prostituta não teria sido tão vulgar como fui naquela ocasião.

De qualquer modo, impelido por todos estes motivos, finalmente, mantive relação com Kessa. Ou melhor, desonrei-a. E agora, retomando minha primeira pergunta – não, não há necessidade de voltar a me indagar se eu amo aquela mulher. Pelo contrário, há vezes em que chego a sentir ódio dela. Especialmente, quando tudo havia terminado e ela debulhava-se em lágrimas e quando a puxei até mim ela me pareceu mais despudorada do que eu que sou um homem impudente. Cabelos emaranhados sobre a face, maquiagem manchada pelo suor, tudo revelava sua feiúra de corpo e mente. Se até então eu a amava, este foi o dia em que o amor desapareceu para sempre. Ou, se não a havia amado até então, não há impedimento ao afirmar que a partir daquele dia surgiu um novo ódio em meu coração. E pensar que esta noite, por causa de uma mulher que eu não amo, irei matar um homem que eu não odeio!

E, na verdade, não é culpa de mais ninguém. Fui eu quem anunciou com minha própria língua: “Mataremos Wataru!” – Quando penso de ter sussurrado estas palavras no ouvido dela, começo a duvidar de minha própria sanidade! Mas eu as sussurrei. Embora sabendo que não devia, lutando para não dizê-las, sussurrei entre os dentes apertados. Por que eu tanto quis dizê-las? Revendo isso agora, não consigo encontrar uma

explicação. Se eu me esforçasse a explicar, creio que quanto mais eu a desprezasse e odiasse, mais e mais sentia vontade de ofendê-la. O que poderia melhor corresponder a esse propósito do que dizer que devíamos matar Wataru Saemon-no-Jo, o marido do qual ela esnobava do seu amor – e forçá-la a consentir? Certamente por isso eu devo tê-la pressionado como um homem assaltado por um pesadelo a concordar com o assassinato, o qual eu não quero cometer. Se isto não é explicação suficiente, por que eu me propus a matar Wataru? Só há a explicação de que foi algum poder sobrenatural que eu desconheço (chamem-no um espírito maligno), que deve ter me atraído para o mau caminho. De qualquer modo, com insistência tenaz, sussurrei repetindo as mesmas palavras no ouvido de Kessa.

Então, depois de refletir por algum tempo, ela levantou subitamente o rosto e docilmente consentiu com meus planos. Mas não foi simplesmente a facilidade com que eu a persuadei que me surpreendeu. Analisando o seu rosto, notei que seus olhos irradiavam um brilho estranho nunca visto antes. Adúltera! Imediatamente me ocorreu esta idéia. Ao mesmo tempo, uma sensação de frustração me abriu os olhos para o horror de meu plano. Não é necessário dizer que o tempo todo eu me sentia perseguido por essa imagem lasciva e já decadente da mulher. Naquele momento, se me fosse possível, eu retiraria minha promessa. Queria jogar essa mulher traiçoeira nas profundezas da vergonha. Se pudesse fazê-lo, mesmo tendo satisfeito meus desejos com ela, minha consciência poderia se esconder por trás de uma indignação aparente. Mas, por mais que quisesse, eu não conseguia encontrar o ânimo para fazer isto. Como se soubesse exatamente o que eu pensava ela mudou sua expressão fitando nos meus olhos – Eu francamente confesso: a razão pela qual eu me achei prometendo que mataria Wataru e fixando o dia e a hora para fazê-lo foi devido ao medo de que, se eu voltasse para trás, Kessa teria sua vingança contra mim. Sim, e este medo ainda me prende com seus punhos implacáveis. Quem quiser zombar de minha covardia que zombe. Eles não viram Kessa nesse momento! “Se eu não matar Wataru, serei assassinado por ela, mesmo que ela não o faça com suas próprias mãos. Sendo assim, eu prefiro matá-lo.” – Pensei nisto desesperado ao observar os olhos daquela mulher que chorava sem lágrimas. E ademais, meu medo foi confirmado logo após, quando eu fiz juramento solene. Percebi que ela baixou os olhos e sorriu, mostrando a covinha de seu rosto pálido.

Agora, devido a esta amaldiçoada promessa, acrescentarei um assassinato a minha alma já aviltada por outros atos vis! Com a chegada

desta noite, e se eu descumprisse a promessa... mas eu não suportaria isto também. De um lado, está o meu juramento. De outro, eu disse que temo a vingança dela. E também não é mentira. Mas há algo mais... O quê? Qual é a força poderosa que impele um covarde como eu a matar um homem inocente? Eu não compreendo. Não compreendo, se bem que, talvez ... não, não poderia ser – Eu desprezo aquela mulher. Temo-a. Odeio-a. Contudo, talvez seja porque mesmo assim eu amo aquela mulher."

Moritô segue caminhando sem rumo e não volta a abrir sua boca. Luz do luar. Ouve-se, em algum lugar, uma voz cantando uma cantiga popular.

No coração humano não há luz,  
É como a noite de escuridão.  
A vida apenas arde e esvai,  
Como as chamas de paixões terrenas.<sup>2</sup>

## **PARTE SEGUNDA**

É noite. Kessa senta do lado de fora da cortina de sua alcova, de costas para a luz do candeeiro. Ela morde as mangas de seu quimono, perdida em pensamentos.

### **Monólogo de Kessa**

“Ele virá ou não virá? Estou certa de que ele não deixará de vir, mas a lua já está em declínio e não há nenhum som de passos, então, pode ser que ele de repente tenha mudado de idéia. Se, por acaso, ele não vier – Oh, eu terei que erguer meu rosto acabrunhado como de uma prostituta para o sol novamente. Seria, então, como aqueles cadáveres largados à beira da estrada. Humilhada, pisoteada e, no fim disso tudo, despudoradamente exposta à luz e, mesmo assim, terei que suportar calada como uma pessoa muda. Se isso acontecesse, nem mesmo minha morte me daria paz. Não, não, ele virá com certeza. Quando fitei dentro daqueles olhos antes de nos despedirmos naquele dia eu sabia que ele viria. Ele tem medo de mim. Ele me odeia e me despreza, mesmo assim tem medo de mim. É claro que, se eu pudesse contar comigo mesma, eu não diria ter certeza de que ele viria. Mas eu confio nele. Confio no seu egoísmo. Sim, confio no medo

---

<sup>2</sup> Tradução do poema por Meiko Shimon.

desprezível despertado por seu egoísmo. Por isso, posso afirmar. Ele virá com certeza, caminhando furtivamente ...

Que coisa miserável eu me tornei, agora que não posso mais contar comigo mesma. Há três anos, eu tinha autoconfiança acima de tudo em minha beleza. Talvez fosse mais exato dizer em vez de “há três anos” que foi até aquele dia. O dia em que eu o encontrei no aposento da casa de minha tia: bastou um olhar de relance em seus olhos e eu vi toda a minha feiúra refletida no seu coração. Ele fingiu não ter percebido que eu tinha mudado e falou palavras gentis, como se realmente me desejasse. Mas, como podem consolar o coração de uma mulher tais palavras, uma vez que ela conhece sua feiúra? Eu sentia raiva de mim mesma. Apavorada. Infeliz. Mas esta angústia é muito pior do que aquela sensação horripilante que senti quando criança nos braços de minha ama, ao ver um eclipse lunar! Todas as minhas ilusões desapareceram. Depois, apenas a solidão me envolveu como um amanhecer cinzento e chuvoso – Estremecendo pela angústia da solidão por fim acabei entregando àquele homem este corpo que já parecia sem vida, um homem que nem ao menos amo, um homem lascivo que me odeia e me despreza! – Será por que eu não suportei a solidão, por ele ter me feito reconhecer a morte de minha beleza? Será por que eu estava tentando enganar-me naquele momento delirante em que enterrei meu rosto no seu amplexo? Se não era isto, será por que eu estava seduzida tanto quanto ele pela luxúria obscena? Só de pensar nisto sinto-me envergonhada. Que vergonha! Que vergonha! Ainda mais me senti uma mulher ordinária no momento em que tudo terminou e me desvencilhei dos braços dele, recuperando a liberdade do meu corpo.

Então, por mais que tentasse não chorar a solidão e a raiva fizeram as lágrimas transbordarem dos meus olhos. Contudo, não estava lamentando só porque havia perdido a castidade. O que mais me angustiava era que enquanto minha castidade era violada, eu era desprezada, como acontece com um cão sarnento que é odiado e nem por isso deixa de ser atormentado. O que eu fiz então, a partir daquele momento? Só tenho uma vaga e distante lembrança como se tudo pertencesse a um passado muito distante. Lembro-me que, enquanto soluçava, seu bigode roçou no meu ouvido e junto com seu hálito quente vieram suavemente sussurradas as palavras: “Mataremos Wataru!” Ao ouvir, senti uma sensação de vivacidade estranha como eu nunca havia conhecido até então. Vivacidade? Se a luz do luar pode ser chamada de brilhante, então poderia chamar aquela minha sensação de vivacidade. Mas essa era uma sensação muito diferente do brilho do luar. No entanto, certamente tais palavras medonhas

tinham me confortado. Ai! Eu, esse ser chamado mulher, mesmo que tenha que matar o próprio marido quer sentir-se feliz em ser amada por um homem?

Com a sensação de solidão e ao mesmo tempo de vivacidade semelhante à claridade de uma noite de luar continuei chorando. E então? E então? Quando teria eu, finalmente, prometido ajudá-lo a matar meu marido? Só então, quando fiz esta promessa que pela primeira vez pensei em meu marido. Sim, direi honestamente que foi pela primeira vez. Até esse momento, meu coração só se ocupava de mim, da desgraça de minha desonra. E então surgiu o pensamento em meu marido, meu gentil e tímido marido – não, não foi em meu marido. Foi a vívida imagem de seu rosto sorridente, quando ele me conta alguma coisa. Certamente foi naquele instante em que lembrei de seu rosto, que esse meu plano perpassou minha mente. Pois, naquele momento, já estava decidida a morrer. E fiquei feliz por ter tomado esta decisão. Contudo, parei de chorar e quando levantei o rosto e olhei em sua direção, ali, como antes, encontrei a minha feiúra refletida no seu coração; senti toda a minha felicidade extinguir-se. Foi porque – novamente penso na sombra escurecida daquele eclipse lunar que vi com minha ama. Foi porque como se todos os espíritos malignos que estavam escondidos atrás da minha felicidade fossem libertados de uma só vez. Morrer no lugar de meu marido significa que eu o amo? Não, isto não passava de um pretexto. Por trás desse pretexto muito conveniente, tinha a intenção de me redimir da culpa por ter me entregue àquele homem. Por não ter coragem de cometer suicídio! Por causa da preocupação mesquinha de como as pessoas irão pensar de mim! Mas quanto a isto, as pessoas que fechem os olhos. Sou ainda mais desprezível. Muito mais vil. Com o pretexto de me sacrificar por meu marido, na verdade o que eu queria era vingar-me contra o homem que me odiava, contra seu desdém e, mais ainda, sua luxúria pecaminosa que me abusou. Por sinal, ao observar seu rosto eu perdi essa estranha vivacidade causada pelo luar e fiquei apenas com essa tristeza que fez congelar meu coração. Sim, eu não morrerei por meu marido. Morrerei por mim mesma. Morrerei por causa da amargura por meus sentimentos feridos e de ressentimento de meu corpo maculado. Oh, sinto pesar por não ter satisfação em viver, como por não ter satisfação em morrer.

Contudo, é muito mais desejável morrer esta morte inútil do que continuar a viver! Então, esforcei-me por sorrir, contendo minha tristeza e prometi repetidas vezes ajudá-lo a matar meu marido. Ele é esperto o suficiente para adivinhar pelas minhas palavras o que viria a acontecer com

ele se, por acaso, viesse a descumprir sua promessa. Portanto, ele que fez o solene juramento não deixaria de vir, mesmo que sorrateiramente. – Será isto o ruído do vento? – Ao pensar que todos esses tormentos acabarão esta noite, não posso deixar de sentir um imenso alívio. Estou certa de que amanhã a fria luz da manhã cairá sobre o meu cadáver decapitado. Quando meu marido me vir – não, não quero pensar nele. Ele me ama. Porém, não tenho força para corresponder a este seu amor. Desde que era jovem, eu não era capaz de amar a não ser um único homem. E esta noite, este único homem vem para me matar. Até mesmo a luz deste candeeiro me é clara demais. A mim, que vivi atormentada por esse meu amante.”

Kessa sopra o candeeiro. Logo em seguida, ouve-se o ruído quase imperceptível do cortinado sendo aberto no meio da escuridão. No mesmo instante, um pálido raio de luar ilumina o aposento.

(Kesa to Moritô: 1920)